

AS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Cheila Alves Coutinho Neves, Grasieli Canelles e Raquel Bolzon ©

RESUMO ©

Nosso intuito, nesta pesquisa, baseia-se na observação e verificação de como, quando, onde e de que maneira as variedades lingüísticas são apresentadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) do ensino fundamental de 5ª à 8ª séries. Para tanto, fazemos uma varredura de todas as menções à questão das variedades lingüísticas no respectivo material, atentando para a abordagem dos PCNs com relação a essas variedades. A reflexão de tal varredura se fará necessária para avaliação da aplicabilidade dos PCNs nas instituições de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: PCNs, variedades lingüísticas, ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Os PCNs, criados em 1996, mas postos em circulação em 1998, têm por objetivo, quanto à questão docente, proporcionar uma reflexão sobre a prática pedagógica que favoreça o planejamento adequado das aulas, bem como a análise e a seleção adequadas dos materiais didáticos, contribuindo para uma formação e atualização profissional. Quanto à questão discente, os manuais visam respeitar as diversidades regionais, culturais e políticas do país, bem como considerar a necessidade de construir referenciais nacionais comuns ao processo educativo em todas as regiões brasileiras.

Portanto, a prioridade dos PCNs é o âmbito lingüístico, ou seja, as variações lingüísticas apresentadas por cada região do país. Em outras palavras, eles propõem a valorização de tais variedades além de

ressaltar a diferença entre a língua escrita e a língua oral, frisando o fato de que ambas constituem códigos diferentes, os quais precisam ser abordados de maneiras distintas.

1 Recorrência da questão das variedades lingüísticas nos PCNs

1º Parte - Apresentação da área de Língua Portuguesa

Na introdução da Apresentação da área de Língua Portuguesa, encontramos as primeiras referências com relação às variedades lingüísticas.

Segundo os PCNs, as reflexões a cerca das propostas de reformulação do ensino de Língua Portuguesa iniciaram em 1960 e 1970. Nesta época, "acreditava-se que valorizar a criatividade seria condição suficiente para desenvolver a eficiência da comunicação e expressão do aluno. Além disso, tais propostas se restringiam aos setores médios da sociedade, sem se dar conta das conseqüências profundas que a incorporação dos filhos das camadas pobres implicavam" (pg 17). No entanto, pesquisas mais consistentes surgiram a partir de 1980, as quais possibilitaram avanços na área da educação e da psicologia da aprendizagem, principalmente no que se refere à aquisição da escrita.

Surgiram, então, críticas subjacentes à reflexão das décadas de 60 e 70, dentre as quais se destacavam "a excessiva valorização da gramática normativa e a insistência nas regras de exceção, com o conseqüente preconceito contra as formas

de oralidade e as variedades não padrão” (pg 18).

Na década de 80, propôs-se uma revisão das práticas de ensino da Língua Portuguesa, as quais foram orientadas para a ressignificação da noção de erro, para a admissão das variedades lingüísticas próprias dos alunos, para a valorização das hipóteses lingüísticas elaboradas pelos alunos no processo de reflexão sobre a linguagem e para o trabalho com textos não somente voltados para a escrita.

Em outras palavras, podia se dizer que “apesar de ainda imperar no tecido social uma atitude ‘corretiva’ e preconceituosa em relação às formas não canônicas de expressão lingüística, as propostas de transformação do ensino de Língua Portuguesa consolidaram-se em práticas de ensino em que tanto o ponto de partida quanto o ponto de chegada é o uso da linguagem” (pg 18)

1.2 Condições para o tratamento do objeto de ensino: o texto como unidade e a diversidade de gêneros

No tocante à competência lingüística, os PCNs se referem a ela como os saberes que o falante possui sobre a língua de sua comunidade e a utiliza para construção das expressões que compõem os seus textos (orais, escritos, formais, informais), independentemente de norma padrão, escolar ou culta. Portanto, a competência lingüística constitui-se de variedades lingüísticas.

Segundo os manuais, a necessidade de se ter diferentes níveis de leitura e escrita, determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento, obriga a revisão dos métodos de ensino e a formulação de práticas que possibilitem ao aluno expandir sua competência discursiva na interlocução.

2 Reflexões sobre a linguagem

Os PCNs têm como importância, neste tópico, a criação de situações sobre as quais o aluno possa, ao longo de sua formação, refletir sobre a sua própria linguagem e conseqüentemente observar as similaridades e diferenças de usos lingüísticos.

2.1 Implicações da questão da variação lingüística para a prática pedagógica

Neste item, atenta-se para o fato de que, mesmo que num país fale-se uma língua em comum, essa língua é dotada de variedades lingüísticas de acordo com determinadas regiões e seus valores sociais. Essas variedades podem ser tanto relacionadas com a pronúncia, quanto com o emprego de palavras, à morfologia e às construções sintáticas. Portanto, não existem variedades fixas, ou seja, em um mesmo espaço convivem diferentes variedades lingüísticas.

Pode-se dizer que “a imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua” (pg. 29). Isto ocorre, primeiramente, porque ninguém escreve como fala, a organização da fala segue padrões diferentes dos usados nos textos escritos. Em segundo lugar, torna-se inviável propor aos alunos o que eles já sabem (a língua oral), e é por isto que se ensina a norma padrão da língua escrita que é um código diferente daquele que eles já possuem.

São esses os motivos pelos quais “não se pode mais insistir na idéia de que o modelo de correção estabelecido pela gramática tradicional seja o nível padrão de língua ou que corresponda à variedade lingüística de prestígio” (pg 31). Porém, a escola ainda está sustentada por alguns mitos, tais como “o de que existe uma forma ‘correta’ de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a das outras,

o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso concertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado” (pg 31), os quais precisam ser eliminados para que se cumpra bem a função de ensinar.

Essas crenças mutilam culturalmente o aluno, uma vez que desvalorizam a fala que o identifica em sua comunidade, além de denotar desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde a nenhuma das variedades desta língua. O domínio de outras modalidades de fala e dos padrões da escrita se faz por extensão da competência lingüística e pela construção ativa de subsistemas gramaticais sobre o sistema já adquirido.

Assim, não se almeja levar os alunos a falar certo, pois “a questão não é de erro, e sim de adequação as circunstâncias de uso, (...)” (pg 31).

3 Objetivos gerais de Língua Portuguesa para o ensino fundamental

Nesta parte dos PCNs, a variedade lingüística concentra-se no fato de que, no processo de ensino-aprendizagem, deve-se conhecer e valorizar as diferentes variedades do Português, a fim de que se consiga combater o preconceito lingüístico. Ao mesmo tempo, também é necessário o reconhecimento e a valorização do grupo social do aluno, visto que este instrumento é eficiente na comunicação cotidiana, mesmo nas interações com pessoas de outros grupos que se expressam através de outras variedades. A prática da análise lingüística, por conseguinte, expandirá a capacidade de monitoração das possibilidades de uso da linguagem, ou seja, a partir do momento em que o aluno for capaz de se automonitorar, de auto-avaliar o seu desempenho lingüístico, ele ampliará sua capacidade de análise crítica.

2ª PARTE –Língua Portuguesa no terceiro e quarto ciclo

1 Ensino e aprendizagem

1.1 O aluno adolescente e o trabalho com a linguagem

Considerando o trato com os adolescentes, o comportamento por esses adotado tem repercussão no seu tipo de linguagem, uma vez que incorporam modismos, vocabulários específicos e gírias. Essa linguagem não constitui, no entanto, uma língua diferente e sim um jargão, uma forma de expressão. Por isso, muitas vezes, a mídia usa da “linguagem adolescente”, justamente para poder se aproximar do público juvenil.

Como, para o adolescente, uma das necessidades fundamentais é a reconstituição da sua identidade na construção de uma autonomia, um trabalho adequado ao aluno deveria ser o de permitir-lhe o reconhecimento da linguagem e de seu lugar no mundo, relacionando-se com as outras formas de organização do discurso, além das manifestadas nos textos escritos.

Cabe, então, à escola permitir ao aluno a superação dos seus conhecimentos lingüísticos imediatos, ou seja, aqueles que ele usa no dia-a-dia, ampliando a sua capacidade de saber adequar esses usos a determinadas situações, no caso, as cotidianas, diferenciando-as daquelas de uma situação de uso formal, da norma culta.

2 Objetivos de ensino

Quanto à questão dos objetivos de ensino no terceiro e quarto ciclos, os PCNs apontam que, no processo de leitura dos textos escritos, espera-se que o aluno leia, autonomamente, textos de gêneros e assuntos de sua familiaridade, articulando o máximo possível de índices textuais e contextuais na significação do texto, a fim

de que use seu conhecimento de mundo para dar sentido às expressões não-pertinentes ou não-usuais ao seu repertório lingüístico. Nesse tópico, os manuais abordam implicitamente a questão da variação lingüística.

Com relação ao processo de produção dos textos orais, a utilização e a valorização do repertório lingüístico da comunidade do aluno é, mais uma vez, apontada pelos PCNs.

No processo de análise lingüística, nos manuais, as variedades lingüísticas são tomadas no lugar da gramática, quando se espera que o aluno: constitua conhecimentos sobre o funcionamento e o sistema lingüístico relevante para escuta, leitura e produção de textos; use dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessárias para a análise e reflexão lingüística; possa verificar as diferentes variedades do Português, observando preconceitos entre formas populares e grupos sociais favorecidos.

3 Conteúdos

3.1 Conceitos e procedimentos subjacentes às práticas de linguagem

3.1.1 Prática de escuta de textos orais e leitura de textos escritos

Partindo da questão da escuta de textos orais, os PCNs não fazem menção às variedades lingüísticas, dado que a compreensão dos gêneros orais prevê a articulação de elementos lingüísticos a outros de natureza não verbal.

A identificação de marcas discursivas para o reconhecimento de intenções, valores e preconceitos veiculados ao discurso é uma proposta conteudística e não de abordagem de ensino, assim como ocorre quanto à produção de textos orais (tópico de prática de produção de textos orais e escritos).

Na prática de análise lingüística, no tópico da observação da língua em uso, a questão dos fatores geográficos, históricos, sociológicos e técnicos, das diferenças entre padrões da língua oral e escrita, da seleção de registros em função da situação interlocutiva e dos diferentes componentes do sistema lingüístico (fonética, léxico, morfologia e sintaxe) é abordada, ao passo que não estavam na produção dos textos. Na comparação dos fenômenos lingüísticos observados na fala e na escrita nas diferentes variedades, os domínios privilegiados servem como diferentes usos das regras gramaticais.

Na ampliação do repertório lexical pelo ensino-aprendizagem de novas palavras, a permissão da escolha adequada em relação à modalidade falada ou escrita ou do nível de formalidade e finalidade social do texto seria vista como variedade formal e informal; o emprego adequado de palavras limitadas a condições histórico-sociais entraria no estudo do léxico.

3.2 Valores e atitudes subjacentes às práticas de linguagem

Os PCNs consideram importante a “valorização das variedades lingüísticas que caracterizam a comunidade dos falantes da Língua Portuguesa nas diferentes regiões do país”(pg 64).

4 Tratamento didático dos conteúdos

De acordo com os PCNs, os conteúdos de ensino devem ter um tratamento didático adequado, um movimento metodológico partido da seqüência *ação, reflexão, ação*, de tal forma que o aluno venha ampliar a sua competência discursiva com relação às práticas de escuta, leitura e produção de textos. Para tanto, o professor deve ter um trabalho de observação dos conhecimentos trazidos pelo aluno para a seleção do que vai ser ensinado.

4.1 Prática de produção de textos orais e escritos

Para os manuais, o texto oral pode ocorrer de duas maneiras: levar em conta os parâmetros da situação comunicativa e levar em conta as reações do interlocutor, ajustando a fala no mesmo instante da produção.

4.1.1 Prática de análise lingüística

Neste tópico, aponta-se que “além da escuta, leitura e produção de textos, parece ser necessária a realização tanto de atividades epilingüísticas, que envolvam manifestações de um trabalho sobre a língua e suas propriedades, como atividades metalingüísticas, que envolvam o trabalho de observação, descrição e categorização, por meio do qual se constroem explicações para os fenômenos lingüísticos característicos das práticas discursivas”(pág 78).

4.1.2 Orientações didáticas específicas para alguns conteúdos

Neste tópico, encontraram-se casos da abordagem das variedades lingüísticas nos itens *variação lingüística* e *léxico*. No item *ortografia*, a variação não foi explicitada.

4.1.2.1 Variação lingüística

Para a questão da variação lingüística, os parâmetros expõem que: “é importante que o aluno, ao aprender novas formas lingüísticas, particularmente a escrita e o padrão de oralidade mais formal orientado pela tradição gramatical, entenda que todas as variedades lingüísticas são legítimas e próprias da história e da cultura humana”(pg 82). Logo, relacionam algumas propostas de atividades que permitem explorar mais intensamente a variação lingüística (pg 82,83):

- “transcrição de textos orais, gravados em vídeo ou cassete,

para permitir identificação dos recursos lingüísticos próprios da fala;

- edição de textos orais para apresentação, em gênero da modalidade escrita, para permitir que o aluno possa perceber algumas das diferenças entre a fala e a escrita”;
- análise da força expressiva da linguagem popular na comunicação cotidiana, na mídia e nas artes, analisando depoimentos, filmes, peças de teatro, novelas televisivas, música popular, romances e poemas”;
- levantamento das marcas de variação lingüística ligadas a gêneros, gerações, grupos profissionais, classe social e área de conhecimento, por meio da comparação de textos que tratem de um mesmo assunto para públicos com características diferentes:
 - ❖ elaboração de textos procurando incorporar na redação traços da linguagem de grupos específicos;
 - ❖ estudo de textos em função da área de conhecimento, identificando jargões próprios da atividade de análise;
 - ❖ comparação de textos sobre o mesmo tema veiculados em diferentes publicações (...);
 - ❖ comparação entre textos sobre o mesmo tema produzidos em épocas diferentes;
 - ❖ comparação de duas traduções de um mesmo texto original, analisando as escolhas estilísticas feitas pelos tradutores;
 - ❖ comparação entre um texto original e uma versão

adaptada do mesmo texto, analisando as mudanças produzidas;

- ❖ comparação de textos de um mesmo autor, produzido em condições diferentes (...).
- análise de fatos de variação presentes nos textos dos alunos;
- análise e discussão de textos de publicidade ou de imprensa que veiculem qualquer tipo de preconceito lingüístico;
- análise comparativa entre o registro da fala ou de escrita e os preceitos normativos estabelecidos pela gramática tradicional”.

4.1.2.2 Léxico

Quanto à questão do léxico, são indicadas atividades que possam ajudar o aluno a construir estratégias de manipulação e processamento de palavras, dentre as quais se destaca a atividade de “inventariar as palavras de determinada variedade lingüística presentes em um texto e analisar os efeitos obtidos com o emprego”(pg 84).

5 Tecnologias da informação e Língua Portuguesa

Dentre as tecnologias da informação as quais incluem o computador, o Cd-rom, multimídia e hipertexto, o rádio, a televisão e o vídeo, somente no tópico associado à rádio é que encontramos referências às variedades lingüísticas.

5.1 O rádio

Os PCNs consideram o rádio uma fonte de possibilidades para o trabalho com os sons e a palavra falada em Língua Portuguesa, uma vez que, através dele, pode-se, por meio de gravações e transcrições, estudar as marcas que

caracterizam as falas de apresentadores em seus determinados programas.

CONCLUSÃO

Observou-se que os PCNs se preocupam em abordar a questão de variedade lingüística devido, entre outras razões, às diversidades regionais apresentadas por nosso país. No entanto, essa abordagem ainda não é satisfatória porque, em muitos tópicos em que a variedade lingüística deveria ser levantada, ela é ignorada. E onde ela é apontada, inúmeras vezes, não são explicitadas maneiras práticas para se fazer isso, ou seja, o professor se depara com situações em que deve explorar a variedade lingüística, mas não tem subsídios concretos para executar tal tarefa. Espera-se, então, que os professores e os manuais possam propor atividades que atentem para essas questões e, conseqüentemente, venham a sanar problemas advindos de uma possível má interpretação ou de uma abordagem das variedades incompleta ou insatisfatória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

NOTA

© Cheila Alves Coutinho é aluna do sétimo semestre do Curso de Letras/Português, participante do projeto de pesquisa As variedades lingüísticas no Ensino de Português, sob orientação da Professora Mestra Karina Giacomelli. As alunas Grsieli Canelles e Raquel Bolzon frequentam o quinto semestre do Curso de Letras e participam do mesmo projeto.